
1980: UMA DÉCADA PARA FICAR NA HISTÓRIA DO BORDADO DE PASSIRA-PE

Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos

Mestre em História Social da Cultura Regional, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco; Bacharel em Design, pela Universidade Federal de Pernambuco. Email: isbellakarim@gmail.com.

1980: UMA DÉCADA PARA FICAR NA HISTÓRIA DO BORDADO DE PASSIRA-PE**1980: ONE DECADE TO GO DOWN IN HISTORY OF EMBROIDERY FROM PASSIRA-PE**

Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos.

RESUMO

Entre 1980 e 1990 muitos acontecimentos marcaram a história da prática do bordado manual no município de Passira-PE, a exemplo da inauguração da feira anual do bordado manual, da instauração da primeira cooperativa de bordadeiras da cidade e da interferência inédita da gestão pública no desenvolvimento da atividade. Esse artigo traz a narrativa desses eventos por meio da pesquisa documental e do uso do método da história oral temática discutido por Meihy e Holanda (2013), posto em prática nas entrevistas realizadas com algumas personagens que atuaram diretamente nesses acontecimentos. Também sobre seu embasamento teórico-metodológico, citamos Barros (2008), Gil (2007) e Vieira (2007). E consideramos finalmente que, além da narrativa construída aqui, existem outras questões a serem refletidas e investigadas na trajetória dessas bordadeiras e desse bordado manual.

PALAVRAS-CHAVE:

História oral – Bordado manual – Feira do Bordado Manual.

ABSTRACT

Between 1980 and 1990 many events marked the history of manual embroidery practice in Passira-PE municipality, such as the opening of the annual fair of the manual embroidery, the establishment of the first cooperative city embroiderers and unprecedented interference of public administration in development activity. This article brings the narrative of these events through the documentary research and the use of the method of oral history discussed by Meihy and Holland (2013), implemented in interviews with some characters who worked directly on those events. Also on their theoretical and methodological basis, we quote Barros (2008), Gil (2007) and Vieira (2007). And finally we consider that, beyond the narrative built here, there are other issues to be investigated and reflected in the trajectory of these embroiderers and this manual embroidery. Keywords: Oral history – Manual embroidery – Fair Embroidery Manual.

KEYWORDS:

Oral history - Embroidery manual - Fair Embroidery Manual.

INTRODUÇÃO

Durante a década de 1980, a prática do bordado manual na cidade de Passira-PE parece ter ganhado uma notoriedade nunca vista antes. Foi um período de ascensão que ficou marcado na história da cidade que, por sua vez, está intrinsecamente ligada a história do exercício desse ofício na região.

Foi nesse período que aconteceu pela primeira vez a Feira Artesanal de Passira, que posteriormente foi transformada em Feira do Bordado Manual de Passira¹, um evento anual de grande relevância econômica na região. Houve também um maior incentivo do poder público, municipal e estadual, na divulgação e no fortalecimento desse artesanato, a própria realização da Feira do Bordado Manual é um exemplo desse incentivo. Mas, sobretudo a população de bordadeiras e pessoas envolvidas na atividade do bordado parece ter se articulado e se agrupado, de forma inédita e representativa.

Pode-se dizer que a origem desse ofício em Passira tenha antecedido a emancipação da própria cidade. Como “filha de Limoeiro”², Passira, ou os seus gestores, teriam percebido essa vocação e a enfatizado de forma a torná-la até um *slogan* do município, como pode se constatar numa placa sinalizando a chegada à cidade, em um registro de 1986:

¹ A II Feira Artesanal de Passira aconteceu em 1986, o que nos leva a crer que a primeira foi em 1985. Inclusive D. Ignês nos confirma essa informação através do seu relato oral e quando nos mostra o convite dessa segunda edição, com o ano de 1986. Existindo a intenção de propagar o bordado manual da cidade, muda-se seu nome de “Feira Artesanal” para “Feira do Bordado Manual” Assim, em 1987 ao invés de III Feira Artesanal de Passira, tem-se a I Feira do Bordado Manual de Passira. E também concluímos isso mediante outro convite do arquivo pessoal de D. Ignês, que se refere a III Feira do Bordado Manual de Passira, no ano de 1989.

² Palavras do ex-prefeito Edelço Gomes da Silva, em março de 1994, em uma mensagem à Câmara Municipal de Passira sugerindo, por meio de um Projeto de Lei, a participação dos Poderes Executivo e Legislativo no movimento em apoio à Escola Regina Coeli, de Limoeiro, que na época tinha encerrado suas atividades, tinha muitas dívidas a serem pagas e para quitá-las teriam que se desfazer do seu patrimônio. Essa escola foi fundada em 1939, por freiras alemãs da Ordem Franciscana; as mesmas que foram responsáveis pela Obra Social Santa Isabel – OSSI – que por sua vez, fundou a Cooperativa de Produção Artesanal e Industrial de Limoeiro Ltda. E a essa Cooperativa se atribuiu a disseminação de saber/fazer do bordado manual naquela região.



Imagem 1 - Placa sinalizando boas vindas à “Terra do Bordado Manual”.
Fonte: Revista *Direção Empresarial*, CEAG, p. 18. Vol. XII nº 124, junho/1986.

Então, de dados a princípio empíricos, encontramos certa fundamentação nos documentos encontrados na Biblioteca Municipal de Limoeiro, na Secretaria de Educação do Município de Passira, na Câmara Municipal de Passira e no Arquivo Pessoal de uma das entrevistadas durante a pesquisa. No tocante às entrevistas realizadas, por utilizarmos o método de história oral temática, que é “a solução que mais se aproxima das expectativas acadêmicas que confundem história oral com documentação convencional”, conforme Meihy e Holanda (2013, p. 38), fizemos entrevistas cuja gravação e posterior transcrição do áudio foram transformados em documentos de “base material escrita”. Essa “confusão” da história oral com documentação convencional, digamos que esteja no sentido mais de um confronto, de uma conferência. Acreditamos que, como também afirma os autores Meihy e Holanda (2013), “a história oral temática é sempre de caráter social e nela as entrevistas não se sustentam sozinhas ou em versões únicas.”

Por outro lado, há ainda a possibilidade do presente estudo está localizado, em algum momento, entre a história oral temática e a história oral de vida. Se essa última, de acordo com Meihy e Holanda (2013, p. 37) “tem vocação a valorizar o indivíduo em detrimento do exclusivismo da estrutura social”, que é um dos objetivos dessa pesquisa, então poderia existir aqui um híbrido de relato biográfico – característica da história oral de vida –

com um relato em torno de um tema previamente definido. Assim, optamos por conhecer a história de vida de nossas depoentes sempre a partir da sua relação com o desenvolvimento da atividade do bordado manual, nosso tema já determinado.

Uma história oral de vida “baseada em uma trajetória histórico/pessoal” a exemplo do texto de “Confissões” de santo Agostinho (354-430) trazido por Meihy e Holanda (2013)³, que nos faz lembrar Halbwichs (1990, p. 51) quando fala das lembranças individuais como limite das interferências coletivas e diz que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios” Por essa razão, esse método sozinho não serviria à nossa pesquisa. Ressaltamos ainda que optar pelo método de história oral, significa a preferência por uma abordagem sobre o “modo de fazer” a pesquisa, como afirma Barros (2008, p. 55) e não uma dimensão social, um “modo de ver”.

Esse artigo ainda se constitui também igualmente como uma pesquisa explicativa, conforme Gil (2007, p. 98), onde a “preocupação central é identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos”. Ou seja, buscamos verificar quais os acontecimentos que contribuíram para que Passira, especialmente durante a década de 1980 viesse a se tornar a “Terra do Bordado Manual”. Por fim, admitimos e concordamos com Vieira (2007, p 51) quando diz que “o trabalho final do historiador também deve aparecer como um momento de reflexão e não como um produto acabado.”.

PASSIRA, UMA SIMPÁTICA CIDADE.⁴

Passira está localizada no agreste setentrional do Estado de Pernambuco. Foi elevada a categoria de município pela Lei Estadual nº 4.981 de 20 de dezembro de 1963. Até então era distrito da cidade de Limoeiro. E apesar do tempo de vida recente – como município – Passira tem muita história para contar, já que seu território parece ter sido povoado desde 1870, segundo dados do IBGE.⁵

³ Os autores falam que o texto de santo Agostinho “interna em si o Deus do cristianismo e com ele estabelece um diálogo íntimo, apaixonado, e revelador de dúvidas e convicções.”. (p.36)

⁴ Carta ao leitor da Revista Direção Empresarial, CEAG-PE, Volume XII, nº 124, Junho/1986.

⁵ Disponível em: <<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/pernambuco/passira.pdf>> Acesso: 25 de Agosto de 2012.

Enquanto povoado, tinha o nome de “Pedra Tapada”, depois, pelo Decreto-Lei Estadual nº 235, de 09 de dezembro de 1938, recebeu o nome de “Malhada”. E o que teria motivado a alteração do seu nome posteriormente foi a existência de uma serra próxima chamada Serra da Passira - termo de origem tupy que, de acordo com o historiador Sebastião Galvão, significa “que acaba em ponta de flecha”.

Outra versão que conta a história de sua origem, relatada num documento redigido pela por sua Secretaria de Educação, Cultura e Esportes, em 2000, diz que Passira teria se originado em um campo de pastagens, onde boiadeiros paravam para repousar sob a sombra dos marizeiros⁶, e seus rebanhos fossem malhar. Daí teria surgido o nome de “Malhada”.

Levando-se em consideração a localização geográfica do município, que fica situado numa área de transição, ligando os territórios dos canaviais com os de criação de gado, a Zona da Mata com a Região Agreste, essa última versão faz algum sentido. Núcleos populacionais teriam surgido, assim, do deslocamento de rebanhos bovinos e, mais tarde, pela expansão algodoeira no século XIX até meados do século XX.⁷

No entanto, Passira parece ter ganhado fama mesmo a partir do seu reconhecimento como a “cidade do bordado”. O seu “progresso” é o seu “artesanato”, exclama o poeta Tiago Ramos da Silva, na poesia “Passira Terra do Bordado Manual”. E esse “progresso” parece ter tido seu ponto alto nos anos 1980. Como já fora dito, foi a partir desse período que aconteceu a primeira Feira do Bordado Manual da cidade, que por sua vez, foi resultado da articulação de esforços públicos, mas também privados, no sentido em que os próprios artesãos se envolveram na organização do evento⁸. E foi também nesse espaço de tempo, a princípio, que a cidade de Passira começou a ser mencionada e relacionada à prática do bordado manual nos meios de comunicação, como jornais, revistas e televisão.

Como exemplo, não por acaso, a Revista Direção Empresarial, do Centro de Desenvolvimento Empresarial de Pernambuco – CEAG – na edição de junho de 1986, dedicou grande parte de suas matérias ao bordado da cidade, mais especificamente falando de pequenas e microempresas de produção e comercialização de bordados.

⁶ *Poraqueiba paraensis*, é uma árvore de folhas grandes e flores amarelas. É conhecida também como Umari e Mari. Fonte: Frutas, sabor à primeira dentada. Gil Felipe, Senac, 2004.

⁷ Site da Prefeitura de Passira: Disponível em: <http://www.portalpassira.com.br/a-cidade/historia> Acesso: 11 de Setembro de 2014.

⁸ Como consta na secção “Apoio” do folder da III Feira do Bordado Manual de Passira. Além dos órgãos públicos, como a Prefeitura da cidade, a Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco – FUNDARPE – entre outros, uma cooperativa de bordadeiras de Passira, a COMIB, também tem o seu nome registrado como promotora do evento.

PERSONAGENS E ACONTECIMENTOS

Definitivamente não foi por acaso que o CEAG publicou uma série de reportagens em uma só edição de sua revista. Como instituição oriunda do antigo órgão público NAI - Núcleo de Apoio Industrial - o CEAG era responsável pela execução de ações voltadas às empresas de pequeno porte em âmbitos estaduais⁹. Assim, teve sua participação nos incrementos voltados para o bordado passirense, com trabalhos de aperfeiçoamento e orientação técnica. E divulgar isso também era uma forma de mostrar os seus serviços.

Por outro lado, sua atuação junto às bordadeiras e demais pessoas envolvidas com o bordado, é citada por duas importantes personagens dessa História: D. Maria Ignês Costa Santana e D. Severina Maria de Albuquerque Medeiros, conhecidas respectivamente como D. Ignês e Dia. Ambas possuem em comum, além do Bordado de Passira, falando de forma genérica, a passagem pela Cooperativa Mista das Bordadeiras de Passira – COMIB – instituída em janeiro de 1986¹⁰.

D. Ignês não é aquela que podemos chamar de bordadeira, embora borde desde criança, o seu bordado não saiu do âmbito doméstico e familiar; foi professora e funcionária da prefeitura; detém um grande conhecimento dos fatos que se sucederam para revelar a atividade do bordado em Passira, não só pelas lembranças que tem, por ter sido diretora do Departamento de Cultura do município entre os anos de 1985 e 1990, mas também pela coleção de documentos que guarda até hoje: um verdadeiro arquivo com fotografias, recortes de jornais, convites, panfletos, encartes. Não encontramos nada parecido nem mesmo nos órgãos municipais, lembrando o que disse Thompson (1992, p. 25): “a entrevista propiciará, também, um meio de descobrir documentos escritos e fotografias que, de outro modo, não teriam sido localizados”.

E, embora D. Ignês seja mencionada como uma espécie de supervisora dos trabalhos das artesãs vinculadas a COMIB¹¹, ela parece negar quando diz que:

Na COMIB tinha toda a diretoria da COMIB, era entre as bordadeiras. Eu dava apoio. Apoio técnico, mais assim. Incentivava, levava pras, assim, os contatos né? Porque a COMIB nasceu desse trabalho do Centro Cultural, entendeu? Aí, como ela

⁹ LIMA, Alexandre Santos. “Empreendo” a Sulanca: O SEBRAE e o Polo de confecções do Agreste de Pernambuco. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais-UFPE 2011

¹⁰ Diário de Pernambuco, Outubro de 1990.

¹¹ Revista Direção Empresarial, CEAG-PE, p. 8, Junho/1986.

nasceu lá e funcionava no mesmo local do departamento, que era onde é hoje o Centro de Bordado de Passira. Funcionava ali. E também era a sede da COMIB e também o departamento de cultura funcionava lá também. Era tudo no mesmo ambiente. Era porque uma coisa era ligada a outra né? ¹²

No jornal Diário de Pernambuco, publicado maio de 1988¹³, Dia é mencionada como a presidente e D. Ignês como a técnica da Cooperativa. O Centro Cultural a qual D. Ignês se refere, em outra ocasião ela chama de “Departamento de Cultura do Município” que, também em sua fala, apoiou a inauguração da COMIB, em 22 de Janeiro de 1986.¹⁴ Como diretora desse Departamento, como já mencionamos, o nome de D. Ignês é relacionado não só ao surgimento dessa Cooperativa, como também a iniciativa de realizar uma feira na própria cidade para expor o bordado manual produzido na região.

A ideia surge com a divulgação do bordado passirense em feiras, exposições, seminários e outros eventos dentro e fora do Estado. D. Ignês conta que apesar de enfrentar algumas dificuldades, a COMIB e o governo municipal, naquela época, foram os grandes responsáveis pela divulgação do bordado manual de Passira. Sendo D. Ignês funcionária de um departamento da Prefeitura, nesse mesmo período, talvez ela também se reconheça como uma dessas forças motriz que teriam revelado o trabalho dessas bordadeiras.

Inclusive a ideia de organizar uma feira em Passira, com os bordados da cidade, surge com D. Ignês. Ela conta que estava assistindo televisão em casa, vendo as propagandas da Feira do Doce e da Renda de Pesqueira, daí se questionou: “Por que Passira com o bordado que tem não faz uma Feira?” Nesse ponto, lembramos a “figura” da “feira” trazida por Albuquerque (2013, p.24) quando diz que “ela também remete à multiplicidade de apelos em torno das distintas mercadorias que se tenta vender”. No caso da feira em Passira, acredita-se que uma das mercadorias que se queria vender era a própria ideia da cidade como produtora maior, verdadeira detentora desse ofício.

Então, D. Ignês levou a questão ao Prefeito, “disse pra ele essa ideia” e “ele acatou”. O primeiro passo foi visitar essa feira em Pesqueira, porque ninguém em Passira até então tinha noção de como se organizava um evento como esse, segundo D. Ignês. Durante essa visita, ficaram ainda mais entusiasmados em realizar uma feira em Passira porque não tiveram suas expectativas correspondidas: “Não era o que a gente esperava. Eu achava assim que quando chegasse lá tinha muita renda, que aqui na Feira de bordado daqui você compra

¹² ENTREVISTA com Maria Ignês Costa Santana (concedida a autora). Passira, 11 de agosto de 2014.

¹³ Em recorte guardado pela entrevistada.

¹⁴ ENTREVISTA com Maria Ignês Costa Santana (concedida a autora). Passira, 25 de julho de 2014.

até um caminhão de bordado, né verdade? Se você quiser leva um carro cheio de bordado.” D. Ignês se queixou da falta de “coisa pra vender” porque os estandes que tinham nessa feira “não era pra venda, era só de mostruário”.

Portanto, estava traçado um plano para realização da Feira Artesanal de Passira. D. Ignês novamente levou o assunto ao prefeito, com novos argumentos, e o convenceu a participar dessa tarefa. E não foi difícil convencê-lo, ela conta que:

Ele era muito entusiasmado, ele deu muito apoio ao bordado. Quem justamente deu esse ponta pé inicial foi ele. Porque era uma coisa muito assim, muito sutil, embutida, ninguém sabia, nem a gente que era de Passira sabia o potencial de bordadeiras que tinha aqui. (SANTANA, 2014)

Até então iniciativas para promoção e venda os bordados passirenses já existiam, mas eram pouco impactantes e, talvez por essa razão, pouco eficientes se comparadas às ações posteriores. A participação na Feira dos Municípios, em 1985, com bordados e as cerâmicas produzidos na cidade, confirma uma dessas ações. E foi durante esse evento que D. Ignês, mais uma comissão¹⁵, fizeram um pequeno folder para distribuir e já divulgar a Feira Artesanal de Passira que seria dali a poucos meses, no mesmo ano.

D. Ignês, que a princípio era simplesmente uma “professora do Estado”, tornou-se uma das personagens principais da história de ascensão do bordado em Passira, após ter sofrido perseguição política por manter uma sociedade com a irmã do novo candidato a prefeito, Edelço Gomes da Silva, foi demitida de forma arbitrária, quando ainda estava de férias, pelo então prefeito Francisco de Mores Heráclio. Havia, segundo D. Ignês, a prática do coronelismo na cidade e o prefeito “é que mandava em tudo, não tinha policia, não tinha juiz, não tinha nada. Ele é quem mandava em tudo. Casava, batizava, dava pisa, mandava matar.” Isso nos faz lembrar o que explica Leal (2012, p.45-46):

Dentro da esfera própria de influência, o “coronel” como que resume em sua pessoa, sem substituí-las, importantes instituições sociais. Exerce, por exemplo, uma ampla jurisdição sobre seus dependentes, compondo rixas e desavenças e proferindo, às vezes, verdadeiros arbitramentos, que os interessados respeitam. Também se enfeixam em suas mãos, com ou sem caráter oficial, extensas funções policiais, de que frequentemente se desincumbe com a sua pura ascendência social, mas que eventualmente pode tornar efetivas com o auxílio de empregados, agregados ou capangas.

Com a vitória e eleição de Edelço Gomes da Silva, em 1983, D. Ignês foi admitida como funcionária da Prefeitura. Ela e mais nove pessoas que haviam sido demitidas porque

¹⁵ Comissão formada por alguns funcionários da prefeitura e produtores de bordado da cidade, de acordo com D. Ignês (Jul. 2014).

também não “comungavam” com o antigo prefeito. Todas foram contratadas pela prefeitura. E D. Ignês foi logo indicada para assumir a Coordenação do Departamento de Cultura, e mesmo achando que “não daria conta” e com dificuldades para se adaptar ao novo trabalho com novos procedimentos e muitas “siglas”, ficou em torno de cinco anos à frente desse departamento. Em 1985 ela lembra que já estava no cargo, e que saiu em 1990. De toda forma, esse Centro Cultural de Passira, ou Departamento de Cultura, era vinculado à Secretaria de Educação. E, sendo assim, D. Ignês continuava ligada a área do seu ofício como professora, e foi como tal que ela se aposentou. Ela conta que “quando Miguel Arraes voltou pra o governo”, o prefeito Edelço Gomes, que “era amicíssimo de Miguel Arraes”, fez com que os dez demitidos, naquela ocasião de perseguição política, voltassem aos seus antigos cargos na esfera estadual. “Contando o tempo de serviço que tava fora”, o que a possibilitou aposentar-se por tempo de serviço.

Ainda que D. Ignês tenha tido participação em ações públicas voltadas para o exercício do bordado, ela reconhece que essa vocação da cidade começa bem antes desse período de notoriedade. Ela mesma aprendeu a bordar “quando era criança, na escola primária” porque havia semanalmente um dia voltado ao ensino de trabalhos manuais; o seu vestido de noiva mesmo, foi “todo bordado à mão”, e ela lembra que é casada há cinquenta e dois anos. Portanto, pelo seu amor à “arte do bordado”, como ela mesma diz, e claro, pela sua atuação pública, “pediram” que ela escrevesse um breve resumo da história do bordado em Passira, que se confunde um pouco com a história da sua vida. Esse resumo não foi publicado, pertence ao seu acervo, mas ela leu cuidadosamente na entrevista cedida à essa pesquisa.

Mas outros personagens também fazem parte dessa história. Como a já mencionada Dia, Severina Maria de Albuquerque Medeiros, que foi uma das primeiras presidentes da COMIB. Apontada como “a impulsionadora da comercialização dos bordados”¹⁶, chegando a exportar para países como “Portugal e Alemanha”, a COMIB antes de tudo era composta por pessoas. Então, por que não dizer quem foram essas pessoas que impulsionaram a comercialização dos bordados passirenses?

Dia, por exemplo, bordadeira, moradora da zona rural de Passira, conta que por ser “mais comunicativa” foi indicada para ser a presidente da cooperativa e que o sentido de ocupar esse cargo era a sua satisfação em ajudar as pessoas. Inclusive, após deixar a

¹⁶ Jornal Diário de Pernambuco, Março de 1995. Acervo da Secretaria de Educação de Passira.

presidência da COMIB, Dia passou a ser agente de saúde na cidade de Passira e mesmo que ainda borde, assume que gosta mais de costurar.

“Era presidente só pra assinar”, afirma Dia, porque “na realidade” ela era mais vendedora, viajava muito e participava de muitas Feiras em várias regiões do país: “Brasília, Campo Grande, Rio Grande do Sul, Porto Alegre”¹⁷. Esse “participar de muitas feiras” fazia parte de uma estratégia articulada entre a cooperativa e a Prefeitura, e ainda o governo do Estado, para promover os bordados da cidade, por meio da exposição e venda de suas peças.

18

Diferentemente de D. Ignês, Dia não guardou muitos documentos daquela época, mas, apesar do esquecimento por causa da Labirintite, ela lembra muitos nomes e instituições que participaram dessa história, da sua história. Além da CEAG, ela fala, por exemplo, da União Nordestina de Assistência à Pequenas Organizações – UNO – que colaborava especialmente com os trabalhos da COMIB; cita a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE – dizendo o seguinte: “o povo da SUDENE ajudava muito. A gente ia uma vez por mês vender; vendia muito lá também.” E conclui dizendo “eu tenho muita amizade lá em Recife, através do bordado”.

O bordado, para Dia, foi quem impulsionou o crescimento de Passira. Ela alega que as condições nas quais as mulheres, que até então eram agricultoras e “tiravam um tempinho pra bordar” – como a própria Dia – , eram precárias, mas com os cursos proporcionados por órgãos do governo e com professores que ensinavam novas técnicas, as artesãs aperfeiçoavam o seu bordado. Para que o bordado pudesse ser comercializado, que era um dos principais objetivos da COMIB, foi preciso, por exemplo, rever algumas etapas de sua produção que consumiam mais tempo, como o risco dos desenhos nas peças de tecido.¹⁹ Esse aprendizado se dava por meio desses cursos, e claro, pelos conhecimentos partilhados pelas próprias bordadeiras, que estavam em cooperativa.

¹⁷ ENTREVISTA com Severina Maria de Albuquerque Medeiros (Dia) (concedida a autora). Passira, 15 de setembro de 2014.

¹⁸ Jornal BANDEPE, nº 76, Outubro de 1987.

¹⁹ “Quando se usava a tradicional técnica de riscar as peças (desenhar no papel vegetal e passar para o tecido com carbono) havia a dificuldade para retirar a tinta, sendo preciso o uso de limão, o que aumenta o custo da produção. A Comib passou então a utilizar uma nova técnica para riscar as peças: utilizando o papel vegetal, no qual perfura o desenho, passando tinta xadrex Ultramar por cima. Em seguida trocou a tinta xadrex por anil e querosene, substituindo também o limão por sal hídrico.” Unotícias, União Nordestina de Assistência à Pequenas Organizações. Ano I. nº 1 Novembro, 1989.

Em 1992 Dia afirma ter saído da COMIB, tanto da presidência quanto da Cooperativa. No mesmo ano, em contexto nacional, ocorreu o *impeachment* do então presidente da república Fernando Collor de Mello. O cenário econômico do Brasil não andava bem, com a inflação em alta, Collor assumiu o cargo em 1990 e anunciou um “plano econômico radical” descrito da seguinte forma por Fausto (2014, p. 291):

[...] bloqueou todos os depósitos bancários existentes, por dezoito meses, permitindo apenas saques até um limite de 50 mil cruzeiros. O plano estabelecia também o congelamento dos preços, o corte de despesas públicas e elevação de alguns impostos. Ao mesmo tempo, Collor começou a tomar medidas destinadas a modernizar o país, iniciando a privatizações de empresas estatais, a maior abertura ao comércio exterior, a redução do número de funcionários públicos, feita entretanto sem nenhum critério qualitativo.

Quanto a este último ponto, nas medidas anunciadas por Collor, Dia lembra que D. Ignês teria ficado preocupada com a possibilidade de ser “mandada embora” já que não estava exercendo a sua profissão como professora. Além disso, a COMIB tinha uma “estrutura muito boa” com carro, máquinas, móveis, e isso foi se perdendo, segundo Dia, concomitantemente a essa crise econômica nacional e a mudança de gestão da própria Cooperativa.

Dia, que bordava “há quase trinta anos”²⁰, deixou a COMIB e prestou um concurso para a Prefeitura de Passira para ser Agente de saúde, pela mesma razão que a fez trabalhar na cooperativa: “ser muito comunicativa e gostar de ajudar os outros”. Na COMIB ela conta que teve oportunidade de ajudar muitas pessoas e de ser ajudada por tantas outras. As viagens para participarem de Feiras em outros Estados, por exemplo, eram feitas no ônibus da casa civil que, segundo Dia, era cedido pelo então governador do Estado Miguel Arraes de Alencar.

Aqui cabe um parêntese quanto a participação dessa figura política no período de ascensão do bordado em Passira. Miguel Arraes, que estava em seu segundo mandato como governador de Pernambuco, entre 1986 e 1990, é citado tanto por D. Ignês quanto por Dia. Ambas o incluem como um dos que mais contribuíram para que o bordado manual fosse reconhecido um fazer e um produto peculiar à cidade de Passira. D. Ignês conta que “Dr. Arraes” era muito amigo do ex-prefeito Edelço Gomes, e que os dois, juntos, numa passagem pelos sítios de Passira, descobriram a grande quantidade de bordadeiras que existiam ali. “Ficaram entusiasmados” continua D. Ignês. E ainda durante sua campanha para prefeito,

²⁰ Diário de Pernambuco, Outubro de 1990.

Edelço Gomes, com o apoio de Miguel Arraes, que naquele ano de 1982 era deputado federal, começou a pensar no que poderia fazer por aquelas bordadeiras. Já Dia se refere à pessoa de Miguel Arraes citando também sua viúva, D. Magdalena Arraes, que “encomendava” toalhas para o Palácio do Campo das Princesas²¹, sendo uma forma de incentivar e divulgar a produção do bordado de Passira.

Fechando o parêntese sobre a relação de Miguel Arraes com o bordado manual de Passira retomamos a questão sobre o deslocamento das bordadeiras. Dia e outras associadas, como a “lavadeira, a menina que passava ferro” entre outras, moravam na zona rural do município, no Sítio Candiais, e o carro da própria cooperativa ia buscá-las todos os dias. Aliás, parece ter sido nesse lugar mais especificamente que a atividade do bordado de Passira começou a ser notado de forma diferenciada.

Foi em outubro de 1983, na Vila de Candiais, distrito de Passira de acordo com a Enciclopédia dos Municípios do interior de Pernambuco (1986), que a emissora de televisão Rede Globo gravou uma reportagem que falava sobre a falta reconhecimento e de direitos trabalhistas para as mulheres que bordavam naquela região. Segundo a reportagem, ali viviam “cerca de quatrocentas famílias e praticamente todas as mulheres são bordadeiras.” Em toda a cidade de Passira, naquela época, existiam aproximadamente duas mil bordadeiras, mais ou menos 10% de toda sua população. Baseados nessas estatísticas, esse registro televisivo endossava que o próprio município não tinha retorno algum com essa atividade, cujo produto era encomendado e revendido por terceiros, os “atravessadores”.

O prefeito naquele ano, Edelço Gomes, que também apareceu na reportagem, garantiu que iria organizar o trabalho dessas mulheres criando uma associação que buscasse recursos para comprar o material, “entregar a bordadeira e depois procurar um mercado para venda e o lucro devolver a essas bordadeiras”. Essas mulheres não eram reconhecidas como artesãs, constituíam por outro lado “mão de obra farta e barata” ganhando mensalmente uma renda entre “quatro e seis mil cruzeiros”, fazendo com que se perdesse um valor incalculável em “termos de número”. Porque, segundo o prefeito, o bordado saía de Passira, da mão do artesão, e quando o bordado chegava para o consumidor final, já tinha passado por muitos atravessadores.

²¹ Sede administrativa do Estado de Pernambuco. Disponível em:

<http://www.onordeste.com/onordeste/enciclopediaNordeste/index.php?titulo=Pal%C3%A1cio+do+Campo+das+Princesas<r=p&id_perso=1520> Acesso: 27 de Fevereiro de 2015.

Portanto, essa reportagem teve grande repercussão. D. Ignês em seu relato sobre a história do bordado, a menciona como uma “boa reportagem”, que foi um “primeiro e grande impulso” que fez despertar em seguida a procura pelos bordados passirenses. E tudo isso só aconteceu, como relata D. Ignês, pela sensibilidade que o então prefeito tinha, ainda enquanto candidato em 1982, quando “caminhando pelos sítios e povoados em campanha política, observou o grande potencial das nossas bordadeiras.” E uma das formas de chamar a atenção para essa potencialidade, foi chamar a emissora de televisão Rede Globo. Então, de acordo com a Secretaria de Educação, Cultura e Esportes do Município de Passira,

[...] em janeiro de 1984 o Departamento de Cultura do Município iniciou um trabalho na comunidade rural de Candeais, organizando um grupo de produção formado por 30 artesãs (bordadeiras). Em fins de 1985 o grupo já contava com 75 mulheres e sentiram a necessidade de se organizarem legalmente. Em 22 de janeiro de 1986 foi instituída a COMIB [...] (2000, p. 26)

D. Ignês é mais específica em sua entrevista e explica que esse trabalho iniciado na zona rural só foi possível pela obtenção de um recurso junto à SUDENE. A partir disso formaram-se grupos autônomos, sendo o primeiro em Candiais, que originou pouco depois a Cooperativa Mista das Bordadeiras de Passira. E nesse mesmo ano de instauração da COMIB, foram feitas algumas pesquisas com fins de “traçar um perfil global do setor”. A essa altura o bordado não era só uma atividade de âmbito doméstico, já era considerado uma atividade econômica de grande relevância para a cidade. Essas pesquisas foram coordenadas por D. Ignês, segundo o Jornal do Bandepe, em outubro de 1987 e indicaram que cerca de 5300 pessoas dedicavam-se a atividade do bordado, sendo a maioria composta por mulheres, com idade entre 8 e 80 anos. A maioria vivia na zona rural, onde se concentrava 70% dos 28 mil habitantes de Passira.²²

O resultado desses investimentos no trabalho manual praticado por essas mulheres rendeu ao município de Passira não só a fama de “Terra do Bordado Manual”, mas movimentou toda sua economia. Em 1982, sua estrutura econômica, de acordo com o folder de informações municipais da Fundação de Informações para o Desenvolvimento de Pernambuco – FIDEPE – era predominantemente de atividades agropecuárias. Nesse mesmo material, não há uma menção sequer ao exercício do bordado na cidade. Sete anos mais tarde, como uma “boa prática de turismo” em que “práticas tradicionais, eventos, festas e artesanatos revivem como recurso turístico”, segundo Dias (2006, p.7), no folder de

²² Esses mesmos dados são ainda citados no Caderno Diário Rural do Jornal Diário de Pernambuco, em março de 1990.

divulgação da 3ª Feira do Bordado Manual de Passira, que aconteceu em outubro de 1989, se ressaltava que “entre as diversas atividades que são desenvolvidas na cidade” está o Bordado Manual “com alto padrão de qualidade, conhecido no Brasil e no exterior”. Ou seja, se a realidade não fosse exatamente dessa forma descrita, era essa a imagem que se vendia desde então e que nos estimulou a fazer esse curto registro sobre a questão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Certamente nesses 10 anos aconteceram muito mais fatos relacionados ao exercício do bordado do que poderia ser descrito ou refletido no espaço limitado desse artigo. Quando um fazer artesanal, cuja produção e comercialização, se transforma em objeto de identificação local, como foi o caso do bordado manual em Passira, existem mais nuances que requerem certa minúcia na sua investigação histórica.

Entendemos que por questões principalmente econômicas, quando a agricultura, que até então dominava a economia da cidade começa a sofrer com as intempéries climáticas, o bordado sai do âmbito doméstico, de lazer e educacional de muitas mulheres, e se torna um trabalho lucrativo quando complementa a renda de algumas famílias. Passira, o município considerado “o maior produtor de milho do Estado”, se lançava então como a “Terra do Bordado Manual”.

Evidentemente esse não é um movimento natural, tão pouco artificial num sentido pejorativo. Afinal a mão-de-obra para o bordado manual existia. Trata-se – ou tratava-se na época – de uma estratégia política da gestão pública municipal para promover a cidade por meio dessa dita vocação artesanal. Por outro lado, se não existisse a predisposição, a identificação da própria população e seu imaginário, essa fama não se consolidaria. Além disso, na década de 1980, quando o bordado manual foi tomado dessa forma, Passira passava por um regime governamental opressivo, o coronelismo. Assim, a oposição que se apresentava naquela situação poderia e foi considerada uma espécie de “tábua de salvação”.

Em todo caso, é improvável chegar às últimas linhas aqui sem questionar se todo esse movimento em prol do bordado, especialmente nessa década, teria sido uma forma de valorizar e/ou promover a própria cidade e, aliado a isso, teria existido uma autopromoção política de seus governantes? Ou foi apenas um devido reconhecimento às mulheres que tinham o seu bordado comprado e repassado sem nenhuma referência a sua origem? Sendo

uma ou outra alternativa, ou mesmo todas elas em medidas diferentes, podemos considerar que num universo de versões sobre como Passira se tornou “Terra do Bordado Manual” em Pernambuco, as que mais se aproximam da realidade são aquelas construídas coletivamente, contadas por diferentes personagens e fontes e narradas de forma crítica por historiadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros, Artigos, Teses e Dissertações.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A feira dos mitos: a fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste – 1920-1950)** – São Paulo: Intermeios, 2013.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DIAS, Reinaldo. **Turismo e patrimônio cultural - recursos que acompanham o crescimento das cidades.** São Paulo: Saraiva, 2006.

Enciclopédia dos Municípios do interior de Pernambuco. Recife, FIAM/DI, 1986.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil.** – 2. ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Edições Vértice, Editora Revista dos Tribunais Ltda. 1990.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil** — 4ª edição — São Paulo : Companhia das Letras, 2012.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar.** – 2.ed., São Paulo: Contexto, 2013.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, Maria do Pilar de Araújo. **A pesquisa em história.** Maria do Pilar de Araújo Vieira, Maria do Rosário da Cunha Peixoto, Yara Maria Aun Khoury. São Paulo: Ática, 2007.

Fontes impressas e digitalizadas.

SECM, Secretaria de Educação, Cultura e Esportes do Município de Passira. **Passira - história, cultura, vida.** Passira, 2000.

Fontes orais

MEDEIROS, Severina Maria de Albuquerque. Entrevista 4 [set. 2014]. Entrevistadora: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos. Passira, 2014. 3 arquivos.3gp (41 min.)

SANTANA, Maria Ignês Costa. Entrevista 1 [jul. 2014]. Entrevistadora: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos. Passira, 2014. 3 arquivos.3gp (35 min.)

_____. Entrevista 3 [ago. 2014]. Entrevistadora: Isabella Karim Morais Ferreira de Vasconcelos. Passira, 2014. 2 arquivos.3gp (39 min.)

Artigo recebido em abril de 2016. Aprovado em junho de 2016.